IDEG curadoria

MARÇO 2023

A força (e a luta) das mulheres na diplomacia.

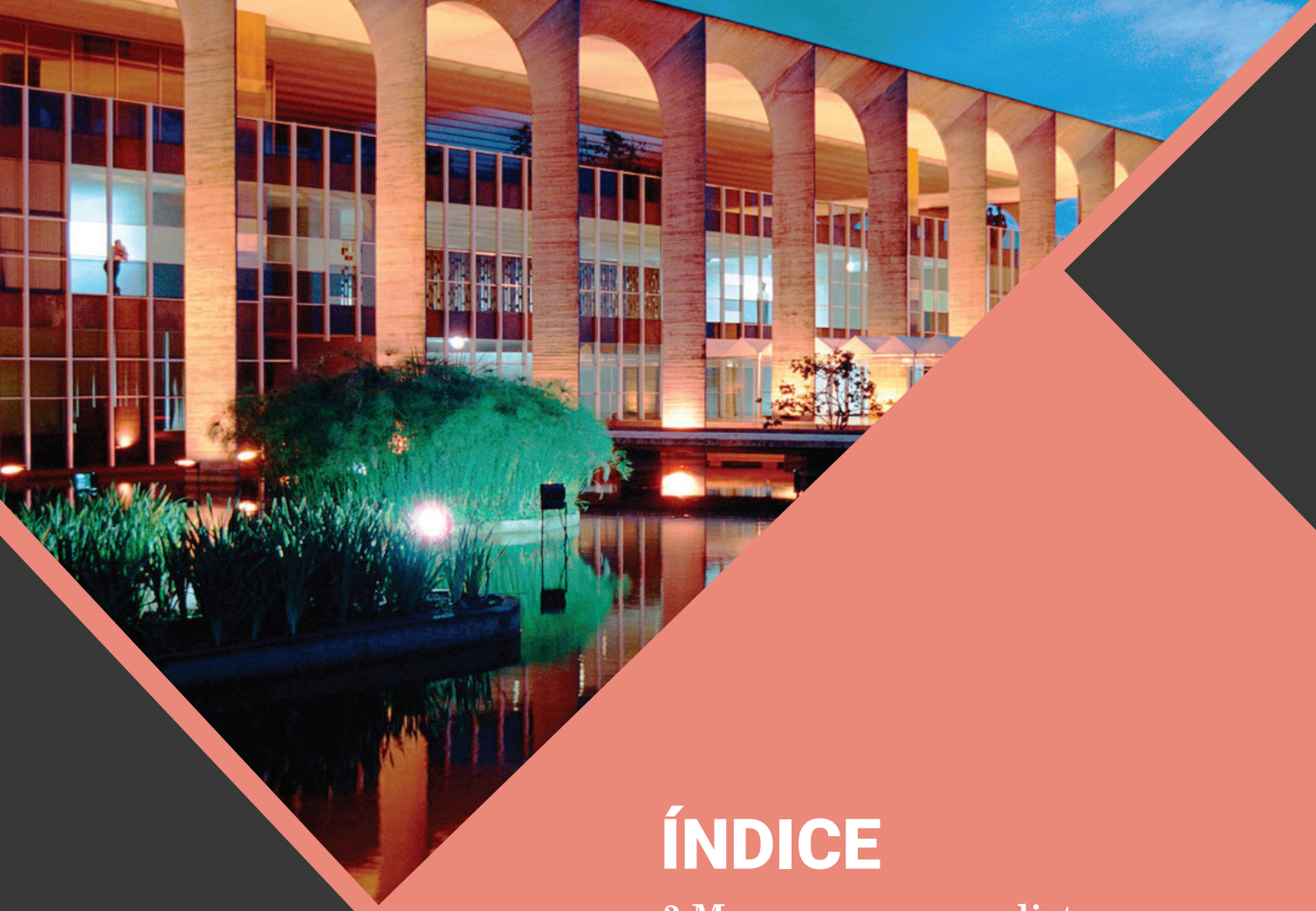
E ainda nesta edição:

Entrevista com a Secretaria-Geral do Itamaraty, a Embaixadora Maria Laura da Rocha

O Serviço Exterior Brasileiro para além da diplomacia, com o Oficial de Chancelaria Eduardo Monteiro

Mulheres Brasileiras na Diplomacia

Representatividade: Associação de Mulheres Diplomatas do Brasil (AMDB), uma iniciativa necessária para a diplomacia brasileira



ÍNDICE

3 Mensagem ao cacdista
4 Maria Laura da Rocha
8 Diplomacia feminina
9 Tudo sobre Oficial de Chancelaria
12 2023 até agora

IDEG CURADORIA

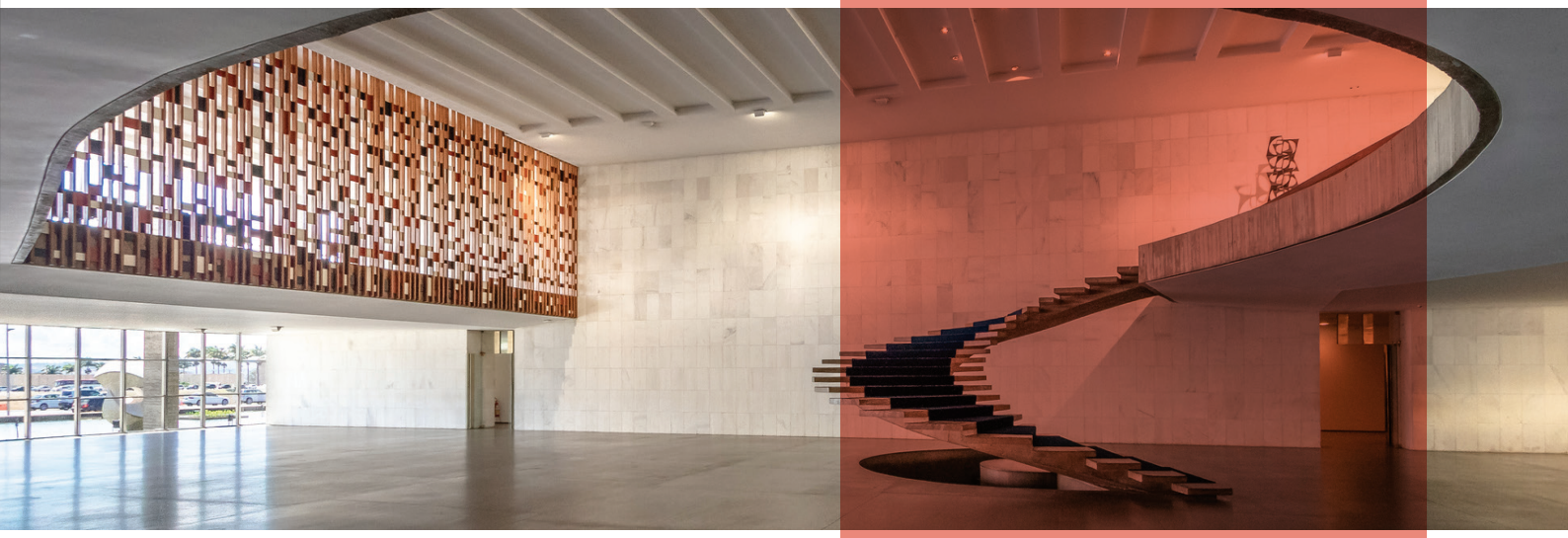
Edição Mulheres
Edição, diagramação, supervisão e aprovação:
Equipe IDEG

SIGA-NOS

@cursoideg
@cursoideg
ideg.com.br

CONVERSE COM A GENTE
atendimento@ideg.com.br

MENSAGEM AO CACDISTA



Bem-vindos e bem-vindas ao mês da mulher na revista Curadoria IDEG!

Neste mês de março, celebramos as forças, as conquistas e os desafios das mulheres em todo o mundo. Como parte dessa celebração, a equipe IDEG entrevistou Maria Laura Rocha, Secretária-Geral do Ministério das Relações Exteriores, para discutir a presença feminina na diplomacia brasileira. Embora as mulheres correspondam a 52,2% da população brasileira, menos de 25% do corpo diplomático do país é composto por mulheres. No entanto, com o crescente número de mulheres se inscrevendo para o Concurso de Admissão à Carreira Diplomática (CACD), é importante refletir sobre os desafios que ainda enfrentamos para alcançar a igualdade de gênero na diplomacia.

Nesta edição, convidamos vocês a conhecerem as histórias inspiradoras de mulheres que estão abrindo portas e construindo pontes na diplomacia, bem como as experiências e desafios diários enfrentados por mulheres que já estão na profissão. Acreditamos que a representatividade é crucial para a construção de um mundo mais justo e equitativo, e estamos comprometidos em compartilhar histórias que inspirem e promovam a mudança.

Abracem essa jornada conosco, em homenagem às mulheres e à busca por uma sociedade mais igualitária!

Maria Laura da Rocha

O ano de 2023 começou com grandes marcos para o Itamaraty.

A embaixadora Maria Laura da Rocha foi nomeada Secretária-Geral do Ministério das Relações Exteriores. Ela é a primeira mulher a assumir esse cargo, que é o segundo mais importante na hierarquia profissional do órgão. Em 04 de janeiro de 2023, ocorreu o evento de posse, e um dos destaques foi a homenagem realizada a esse momento histórico - as diplomatas mulheres prestigiaram a cerimônia vestindo roupas na cor lilás, em simbolismo às sufragistas inglesas.

Em seu discurso de posse, a diplomata Maria Laura da Rocha garantiu: *"Como primeira mulher a ser nomeada Secretária-Geral, não medirei esforços para evidenciar o que a Casa ganha em múltiplas dimensões valorizando as suas funcionárias mulheres e a diversidade dos seus quadros. O objetivo da igualdade de gênero deve pairar sobre todas as ações do Ministério, orientando a atuação de cada um de nós em todos os momentos. Todos ganharemos com esse engajamento."*

"Vamos cuidar para que o Itamaraty seja um ator engajado, em parceria com outros órgãos e com a sociedade civil, para ampliar o número de mulheres, negras e negros, pessoas menos favorecidas e candidatos de todas as regiões do país recrutados para as nossas carreiras. Isso é ainda mais importante no caso da carreira de diplomata, que precisa refletir cada vez mais a cara do Brasil", afirmou a embaixadora, natural do Rio de Janeiro e que tem 45 anos de dedicação ao Serviço Exterior Brasileiro.

Essa conquista definitivamente representa um passo significativo para a presença das mulheres diplomatas em funções de liderança no Brasil, e também é motivo

de inspiração para além do Itamaraty. Em contribuição atenciosa com a Revista IDEG Curadoria, Maria Laura da Rocha nos concedeu uma entrevista exclusiva, que você pode conferir na íntegra abaixo:

- O que motivou a Embaixadora a ingressar na carreira diplomática?

Acho que muitos jovens estudiosos ingressam na

carreira diplomática motivados por um interesse por política internacional, história, economia e uma vontade de elevar o nome do Brasil no exterior. Comigo não foi diferente.

- Como foi a sua preparação para o concurso de admissão à época?

Eu me preparei para o concurso na década de setenta. Era estudante do terceiro ano do Curso de Direito da UFRJ à época. Como não tinha como adquirir os livros recomendados da bibliografia do concurso, estudei com os materiais que encontrei nas bibliotecas da universidade. Não existiam cursinhos preparatórios nem mentorias como há hoje e a preparação era bem mais solitária.

- São mais de quatro décadas de carreira. Como foi a sua trajetória até então?

Ingressei no Curso de Preparação à Carreira de Diplomata do Instituto Rio Branco em 1977 e iniciei a carreira como Terceira Secretária em 1978. Naquela época, o IRBr dava o diploma de curso superior e a posse como funcionário público era apenas após o término do curso de 2 anos.

Iniciei minhas atividades como diplomata na Divisão de Pessoal e, após um primeiro ciclo de postos no exterior, onde servi em Roma e Moscou, retornei ao Brasil para trabalhar na Presidência da República, primeiro como Diretora-Geral Adjunta de Administração e, mais tarde, em 1995, fui Chefe do Gabinete do Secretário de Assuntos Estratégicos. Fui também Chefe do Gabinete do Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia e exerci a função de Ministra de Estado Interina daquela Pasta entre 1999 e 2002. Em seguida, fui Ministra-Conselheira na Embaixada do Brasil em Paris entre 2003 e 2008, quando retornei ao Brasil para exercer a função de Secretária de Planejamento Diplomático e, depois, de Chefe do Gabinete do Ministro de Estado das Relações Exteriores. Em 2010, iniciei novo ciclo no exterior onde atuei como Representante Permanente do Brasil junto à UNESCO (2010-2013), Representante Permanente do Brasil junto à FAO (2013-2017), Embaixadora do Brasil na Hungria (2017-2020) e Embaixadora do Brasil na Romênia (2020-2022). Em 1º/01/2023, assumi a Secretaria-Geral do Ministério das Relações Exteriores.

- Quais foram os maiores desafios que você enfrentou na sua carreira até hoje?

Conciliar a vida familiar com a carreira foi sempre o meu maior desafio. Eu sou diplomata há mais de 40 anos e ao longo desse tempo me casei, tive duas filhas e, mais recentemente, um neto. Houve momentos em que precisei me dedicar mais à família, mas houve também diversas ocasiões em que o exercício da profissão impôs sacrifícios ao convívio familiar.

- Em quais momentos você percebeu que havia feito a escolha certa ao se tornar diplomata?

Eu sempre achei a carreira muito interessante e nunca duvidei da escolha que fiz, mesmo nos momentos mais desafiadores. O exercício da diplomacia nos permite, de um lado, adquirir muitos conhecimentos sobre o Brasil e sobre as diferentes sociedades com as quais interagimos. De outro, a carreira também nos oferece a oportunidade de contribuir com diversas habilidades e tipos de formação, uma vez que as relações internacionais abrangem uma quantidade cada vez maior de temas. Representar o Brasil no exterior nos faz igualmente refletir sobre o valor da diversidade regional, étnica e cultural da sociedade brasileira, bem como sobre a imagem externa que temos e a que queremos ter como país.

- Você se imaginava como Secretária-Geral do Itamaraty? Era uma ambição chegar ao topo da carreira e se tornar Embaixadora?

Aos 14 anos eu me imaginava Presidente da República! Brincadeiras à parte, considero importante que especialmente as mulheres cultivem a ambição de ocupar espaços de poder e instâncias decisórias em qualquer área de atuação profissional. Ao longo da minha carreira busquei me preparar para exercer

diferentes funções, inclusive em posições de liderança. A meu ver, a ambição de chegar ao topo da carreira tem de vir acompanhada da busca constante por aperfeiçoamento, mas também da compreensão sobre a natureza política do fazer diplomático.

- Quais são as atribuições da Secretária-Geral do Ministério das Relações Exteriores? O que faz na prática?

A Secretária-Geral auxilia o Ministro de Estado das Relações Exteriores na condução da política externa, cujas prioridades são determinadas pelo Presidente da República. Além de auxiliar e substituir oficialmente o Ministro de Estado, a Secretária-Geral exerce uma importante função de coordenação interna das atividades do Ministério no Brasil e no exterior. Além disso, atua como interlocutora ativa com todos os demais órgãos governamentais que tenham competências ou responsabilidades que se projetam além de nossas fronteiras. E também com o Congresso, o Poder Judiciário, Estados e Municípios em suas ações internacionais.

- O que você acredita que significou para a sociedade a sua posse como primeira mulher Secretária-Geral do Itamaraty?

As mulheres são 50% da população mundial, mas ainda não alcançaram a paridade em termos de ocupação de cargos públicos e funções de liderança. Esse não é um problema exclusivo do Brasil, mas de vários países. É natural, portanto, que as mulheres busquem alcançar a paridade de gênero e reivindiquem a adoção de políticas específicas para isso. Na diplomacia, estudo recente revela que 85% dos embaixadores são homens e, até outubro de 2020, as mulheres eram apenas 26,9% entre os representantes permanentes de 193 países da ONU em Nova Iorque. No Brasil, dos 1500 diplomatas, apenas 23% são mulheres. Há muito a ser feito para aumentarmos a representatividade numérica das mulheres no Itamaraty e a quantidade de mulheres diplomatas em funções de liderança no Brasil e no exterior. Estou certa de que chegaremos lá. Acredito que ter uma mulher na Secretaria-Geral do Ministério é um passo importante, pois representatividade e visibilidade importam. As pessoas precisam ver que as mulheres podem não apenas ocupar esses espaços, mas também agregar diversidade de perspectivas na condução da política externa.

- Você acredita que a sua nomeação como Secretária-Geral abre portas para termos a primeira mulher chanceler?

Espero que sim. A escolha do chanceler, como de qualquer Ministro de Estado, é do Presidente da República e leva em conta não apenas habilidades técnicas, mas também uma série de outros fatores de ordem política. Ter uma Secretária-Geral que exerce a chefia interna do Ministério demonstra que mulheres podem ser Ministras das Relações Exteriores e que há diplomatas brasileiras capacitadas para exercer o cargo. Já tivemos Ministras da Agricultura, temos Ministras do Meio Ambiente, do Planejamento, da Cultura, da Saúde... não há por que duvidar que um dia teremos uma chanceler mulher.

- Para você, quais são as principais dificuldades sobre ser mulher e ser diplomata?

As mesmas dificuldades de ser uma mulher profissional em muitos lugares. Apesar de todas as conquistas no campo da previsão legal de igualdade de direitos entre homens e mulheres, ainda persiste em muitas sociedades a ideia de que a "função social" primordial das mulheres é o cuidado (não remunerado) da família. Isso faz com que as mulheres que desejam dar sua contribuição e ocupar as esferas públicas e privadas de tomada de decisão estejam sujeitas a enormes pressões de ter que escolher entre uma coisa e outra ou triplicar sua carga de trabalho para exercer simultaneamente os vários papéis que lhes são atribuídos socialmente.

No âmbito da diplomacia, o estilo de vida que a carreira nos impõe aumenta ainda mais a pressão sobre as esferas pessoal e familiar, pois exige, muitas vezes, uma dose adicional de esforço e sacrifício dos familiares, diretamente afetados pela natureza errante

da profissão. Acredito que isso termine desestimulando muitas mulheres a ingressarem no serviço exterior e, em muitos casos, dificultando sua ascensão funcional. As dificuldades impostas pela própria natureza do Serviço Exterior mostram como é fundamental que o Itamaraty esteja alinhado com as melhores práticas em termos de condições de trabalho adequadas e saudáveis para seus funcionários, especialmente as mulheres.

- Qual legado você espera deixar na Secretaria-Geral?

Espero poder contribuir para a melhoria dos métodos de trabalho do Itamaraty, aprofundar o esforço interno de modernização da gestão, transparência e planejamento estratégico da política externa. Além disso, espero poder aprimorar as condições de trabalho e investir em treinamento e aperfeiçoamento profissional, valorizando o principal ativo do serviço exterior brasileiro, que são seus funcionários.

Acima de tudo, espero institucionalizar na diplomacia, com o apoio do Chanceler Mauro Vieira, uma política em favor da equidade de gênero e da igualdade real de oportunidades entre homens e mulheres, que o Presidente Lula busca retomar nesse momento.

- Como você imagina o Itamaraty daqui a 10 anos?

Imagino um Itamaraty que reflita a cara do Brasil, com um corpo diplomático com maior número de mulheres, negras, negros, indígenas, pessoas menos favorecidas e candidatos de todas as regiões do país, inclusive em posições de comando na Secretaria de Estado e no exterior.

O Itamaraty foi instituição pioneira na ação afirmativa para ampliar a representação regional e para apoiar as brasileiras e brasileiros negras e negros no ingresso na carreira. Espero que o Ministério continue na vanguarda dessa causa, porque uma instituição de Estado mais diversa não é apenas mais justa e democrática, mas é também mais eficiente, produtiva e inovadora.

- Qual mensagem você deixaria para as mulheres que estão estudando para o CACD?

Não desistam. Estudem muito e acreditem que todo o esforço e a dedicação trarão resultados. Tenham sempre presente que mulheres podem, sim, ser diplomatas e que o serviço exterior brasileiro ganhará em múltiplas dimensões com maior número de mulheres no seu corpo diplomático.

Estejam certas de que, como Secretária-Geral das Relações Exteriores, farei o que estiver a meu alcance para identificar os principais obstáculos à participação de maior número de mulheres na carreira e avaliarei a viabilidade de adotar medidas concretas de estímulo, como metas de recrutamento e de progressão funcional.

Maria Laura da Rocha é uma diplomata brasileira. Entre os anos de 2008 e 2011, foi chefe de Gabinete do Ministro das Relações Exteriores. Foi nomeada em 2019 como embaixadora do Brasil na Romênia. Atualmente, ocupa o cargo de Secretária-Geral do Ministério das Relações Exteriores.

A DIPLOMACIA TAMBÉM É FEMININA

CONHEÇA A ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DIPLOMATAS DO BRASIL

"A diplomacia também é feminina, a diplomacia é cooperação e lugar de afeto". Essas foram palavras da embaixadora Irene Vida Gala, presidenta da Associação das Mulheres Diplomatas do Brasil (AMDB), em cerimônia do Itamaraty, em janeiro deste ano. A ocasião foi o lançamento da associação, criada oficialmente em 2023, após mais de 10 anos de ação coletiva do grupo. A AMDB é composta por mulheres diplomatas brasileiras, na ativa ou aposentadas, e tem como principal objetivo a criação de um Itamaraty mais igualitário e representativo.

No que diz respeito às posições de liderança na diplomacia brasileira, estudo recente revela que 85% dos embaixadores são homens e, até outubro de 2020, as mulheres eram apenas 26,9% entre os representantes permanentes de 193 países da ONU em Nova Iorque. No Brasil, dos 1500 diplomatas, apenas 23% são mulheres. Diante desses números, a Associação das Mulheres Diplomatas do Brasil aspira a que o Itamaraty reflita "a cara do Brasil" e, para alcançar esse objetivo, busca formular e apresentar medidas formais que promovam a entrada e a ascensão de mulheres na carreira diplomática.

Em seu portal oficial, a AMDB destaca que o conceito de interseccionalidade também é posto como prioridade, e pretende *"adequar as mencionadas medidas às diferentes experiências das mulheres diplomatas, sejam elas negras, indígenas, com deficiência, idosas, LGBTQI+ e de todas as regiões do Brasil"*. Sororidade, empoderamento feminino e acolhimento são palavras-chave da plataforma da Associação. Dessa forma, a diversidade e a inovação têm sido inevitáveis ao Ministério das Relações Exteriores, visto que é um fenômeno internacional de organização de mulheres na diplomacia.

De acordo com dados disponibilizados no site oficial da instituição, as seguintes ações foram realizadas nos 10 anos de trabalho: comunicação com as mais altas chefias do Itamaraty (SGEX, SGs e Mês); gestões junto a lideranças no Congresso Nacional e na sociedade civil (academia, think-tanks, imprensa); financiamento (com apoio da ADB) e produção de documentário sobre as mulheres na diplomacia brasileira (Exteriores, Mulheres na Diplomacia Brasileira); e, também, campanha para assistir uma vítima de violência doméstica por parte de um diplomata exonerado.

A Associação das Mulheres Diplomatas do Brasil é uma iniciativa que também almeja auxiliar as aspirantes a essa profissão. No Plano de Ação da instituição, um dos objetivos é criar e/ou apoiar comunidades de mentoria a candidatas à carreira diplomática e diplomatas mulheres, em especial pretas e pardas e com deficiência, de maneira a aumentar a representatividade das mulheres na diplomacia. Por fim, o IDEG reforça a importância dessa atuação, se dispondo a contribuir com responsabilidade para um terreno fértil para mais mulheres chegarem ao corpo diplomático brasileiro.

Oficial de Chancelaria e professor: Eduardo Monteiro

Tudo sobre a carreira de **Oficial de Chancelaria**

Atuar no Serviço Exterior Brasileiro vai muito além de ser diplomata. Entre as carreiras possíveis, há a de Oficial de Chancelaria.

De acordo com o Instituto Rio Branco, o Oficial de Chancelaria exerce funções analíticas e gestoras no Serviço Exterior Brasileiro, incluindo atividades de formulação, implementação e execução dos atos de análise técnica e gestão administrativa necessários ao desenvolvimento da política externa brasileira.

Além disso, diferente dos diplomatas, por exemplo, responsáveis pelas ações de representação, negociação e proteção de interesses brasileiros no campo internacional, os Oficiais e Assistentes de Chancelaria oferecem apoio técnico e administrativo.

Para você ficar por dentro de tudo e mais um pouco sobre a carreira, o IDEG convidou Eduardo Monteiro, Oficial de Chancelaria desde 2005 e professor de Serviço Consular e Contabilidade na nossa escola, para contribuir com sua experiência profissional. Confira abaixo a entrevista exclusiva:

O que motivou o senhor a ingressar no serviço exterior brasileiro?

Sempre tive interesse por história, política e direito internacional. Gostava de estudar línguas estrangeiras e cultura de outros países. Entendo que a vivência no exterior nos propicia vivências inigualáveis, tanto para o servidor quanto para sua família. Assim, escolher essa carreira é mais que escolher um trabalho, é uma escolha de um estilo de vida, em que você nunca terá uma vida previsível, pois pode se mudar a cada 5 anos. Tem de ter uma abertura a viver novas experiências e desafios constantes, o que não é exatamente tranquilo para a família. Pode ser bastante estressante. Porém,

quando a fase de adaptação se consolida, sentimos o quanto crescemos e nos desenvolvemos. Ter essa vivência de mundo pra mim é um valor e, por isso, escolhi essa carreira.

Como foi a sua preparação para o concurso de admissão à época?

À época em que prestei o concurso de admissão, a prova era muito semelhante ao CACD, para o qual estava me preparando. Na minha época, não havia cursos particulares de grande porte. Então, fazia aulas avulsas com professores particulares, lia muitos livros, fazia resenhas e resumos. Não havia muita orientação específica para o concurso, então, seguíamos as provas anteriores.

São mais de 15 anos de carreira. Como foi a sua trajetória até então?

Foi de muitos desafios, altos e de muito aprendizado. Trabalhei em diferentes setores, com diferentes chefias, onde tive a oportunidade de me experienciar em diversas atividades, até me identificar com o setor jurídico e consular. Quando servi em Londres, tive a oportunidade de aprofundar meu conhecimento em procedimentos consulares que, aliados a minha formação em direito, me qualificaram para trabalhar no Manual Consular, que está vigente atualmente. Além disso, me sinto particularmente realizado quando ministro aulas para os cursos de remoção, para colegas Ofchans e Diplomatas. Atualmente, sirvo na Embaixada da Bélgica, em Bruxelas, onde trabalho com contratos e outros processos financeiros e administrativos.

Quais foram os maiores desafios que você enfrentou na sua carreira até hoje?

Para quem trabalha no SEB, creio que enfrentamos os principais desafios quando nos removemos para novos postos no exterior e quando retornamos ao Brasil e iniciamos o trabalho no setor em que somos lotados. Há bastante rotatividade entre setores e realizamos diferentes atividades ao longo da carreira. Então, precisamos nos adaptar a novas chefias e a novos conhecimentos e processos ao longo da carreira. Então, podemos dizer que a carreira sempre será desafiadora em razão de sua natureza, por haver mudanças com relativa frequência. Ao mesmo tempo em que a carreira é desafiadora por natureza, essa nos proporciona novos conhecimentos e experiências que tornam o trabalho dinâmico, o que evita a repetição de procedimentos e rotinas, tão presentes em outras carreiras do serviço público.

Em quais momentos você percebeu que havia feito a escolha certa ao se tornar oficial de chancelaria?

Nas remoções, pois, ao mesmo tempo que são os momentos mais desafiadores da carreira – em função da adaptação ao novo país e à nova cultura, aos processos e à chefia do posto – são os momentos de maior riqueza vivencial, tanto para o trabalho quanto para a família.

Como é a progressão na carreira de Ofchan?

A progressão se dá por tempo de serviço no exterior e por realizações de cursos dentro da instituição do Itamaraty. Atualmente, também há um sistema de votação entre pares.

Quais são as atribuições do oficial de chancelaria? O que faz na prática?

As atribuições referem-se à assessoria técnica ao corpo diplomático. Na prática, realizamos funções na área meio, como gestão financeira, consultoria técnica, atividades afeitas à área consular.

Para você, quais são as principais dificuldades sobre ser Ofchan?

As principais dificuldades derivam do fato de ser uma carreira nova e pouco conhecida, ainda não muito bem estruturada no que se refere a funções específicas. Ainda há muito a se construir e consolidar dentro da carreira.

Qual a importância dos idiomas estrangeiros na

carreira? É necessária uma terceira língua, por exemplo?

Para uma carreira de assessoramento técnico, quanto mais conhecimento, melhor. Por isso a importância de termos colegas de diferentes áreas de conhecimento. Quanto a línguas estrangeiras, o domínio de uma terceira propicia uma maior gama de opções de locais de remoção em que a adaptação será mais facilitada.

Qual mensagem você deixaria a quem está estudando para o Concurso de Admissão à Carreira de Ofchan?

Seja bem-vindo ao mundo do SEB e venha com a vontade de consolidar a carreira! Seu conhecimento certamente fará a diferença em nosso meio!

Para saber mais sobre a carreira de Oficial de Chancelaria, você também pode acessar as entrevistas concedidas tanto no nosso canal do YouTube quanto no Podcast IDEG, disponível em todas as plataformas de streaming.

Oficial de Chancelaria e professor: Eduardo Monteiro

Oficial de Chancelaria desde 2005.
Formado em Direito pela UERJ e Mestrado no IUPERJ.
Doutorado pela IUPERJ – IESaP.
Mestrado em Economia Política, no London School of Economics.
Professor no MRE na área consular.
Atualmente, está em Bruxelas como Chefe da Administração Financeira do posto.

Os principais eventos de 2023. **Até agora!**

Desde o início do ano de 2023, o mundo tem testemunhado diversos eventos marcantes na esfera da política internacional. A eleição presidencial nos Estados Unidos, o avanço da China como potência global, a crise migratória na Europa e as tensões na Península da Coreia são apenas alguns dos tópicos que têm dominado as manchetes ao redor do globo. À medida que esses eventos se desdobram, fica claro que as escolhas que os líderes mundiais fazem agora terão consequências duradouras para as gerações futuras.

01/01 – Novo Ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira.

03/01 - Incursão de Ministro Israelense na Esplanada das Mesquitas em Jerusalém

Ascensão da extrema direita em Israel, e deterioração da situação política mais recentemente.

04/01 – ONU nomeia General Otávio Rodrigues Miranda Filho para chefiar MONUSCO, substituindo o também brasileiro Marcos de Sá Affonso da Costa.

05/01 - Retorno do Brasil ao Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular

05/01 - Retorno do Brasil à CELAC

08/01 - Atos de violência golpista em Brasília

12/01 - Candidatura brasileira para sediar a COP 30

16-20/01 – Fórum Econômico Mundial de Davos.

17/01 - Desligamento do Brasil do Consenso de Genebra – Nota Conjunta do Ministério das Relações Exteriores, do Ministério da Saúde, do Ministério das Mulheres e do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania

19/01 - Envio de missão diplomática brasileira a Caracas

Lembrando que Bolsonaro havia fechado a embaixada em abril de 2020.

23/01 - Declaração Conjunta por ocasião da visita oficial à República Argentina do Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva

24/01 - VII Cúpula da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC) - Buenos Aires, 24 de janeiro de 2023

Lembrando que não havia há anos participação do chefe de Estado brasileiro na cúpula da CELAC.

30/01 - Visita ao Brasil do Chanceler Federal da Alemanha, Olaf Scholz
Desde 2015 não havia visita de alto nível da Alemanha ao Brasil.

06/02 - Participação do Brasil como país garante na mesa de diálogos de paz entre o Governo colombiano e o ELN

10/02 - Comunicado Conjunto por ocasião do encontro entre os Presidentes Lula e Biden

23/02 – Rússia suspende participação no New Start.

23/02 – AGNU aprova resolução pela retirada russa da Ucrânia.

01-02/03 – Reunião de Ministros das Relações Exteriores do G20, Nova Délhi.

03/03 - Início da presidência brasileira do Fórum de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul - IBAS

Em resumo, o início de 2023 tem sido um período de muitos acontecimentos na política internacional, e a escolha de líderes e ações tomadas agora terão impacto duradouro no futuro. Para uma análise mais aprofundada desses tópicos e outros eventos internacionais importantes, você pode seguir os links clicáveis ao longo desta matéria da revista.

É crucial que líderes globais façam escolhas responsáveis e ponderadas em meio a esses desafios, pois as consequências serão duradouras para as gerações futuras. Acompanhar o desenvolvimento desses eventos internacionais é fundamental para entender melhor as implicações e impactos em todo o mundo.

É isso, pessoal!
Bons estudos e vamos juntos até a aprovação.

IDEG
Instituto de Desenvolvimento
e Estudos de Governo

Você pode acompanhar as principais notícias do Brasil e do mundo, selecionadas por um time de especialistas, por áudio ou diretamente no seu e-mail todos os dias.

É tudo grátis.
Essa é mais uma forma de o IDEG te acolher.

Vamos juntos, cacdistas?

Atualize seu caderno com as notícias mais importantes

Disponível em:

SIGA-NOS
@cursoideg
@cursoideg
ideg.com.br

CONVERSE COM A GENTE
atendimento@ideg.com.br